A SITUAÇÃO DO DESLOCAMENTO INTERNO E FORÇADO EM FUNÇÃO DA VIOLÊNCIA E O EXERCÍCIO ANALÍTICO À LUZ DA ANÁLISE DE DISCURSO DE UMA REPORTAGEM

João Vitor Bitencourt[1]

Ariane Rego de Paiva[2]

RESUMO

Este artigo realiza um exercício analítico da reportagem intitulada "*Moradores de comunidade na Zona Norte do Rio são expulsos de suas casas por traficantes"*, do G1 portal de notícias. A matéria jornalística aparenta, à primeira vista, se tratar de uma "simples" reportagem que noticia a expulsão de famílias pelo tráfico de drogas, no entanto, percebe-se que há a produção de uma estrutura discursiva que é "síntese de várias coisas" de uma formação ideológica. A produção do discurso fortalece a criminalização da pobreza ao sustentar que a expressão da questão social noticiada é caso de polícia, ao mesmo tempo opera uma textualidade (verbal e visual) que estabelece relações discursivas que argumentam somente à intervenção policial como solução. A crítica às regras de projeção, que estabelecem as relações entre as situações e as posições dos sujeitos, denunciam uma sociedade baseada na exploração do homem pelo homem que mistifica as relações sociais.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Deslocamento Interno e Forçado. Direitos Humanos. Criminalização da Pobreza.

ABSTRACT:

This article performs an analytical exercise of the report entitled "Community residents in the North Zone of Rio are expelled from their homes by drug dealers", from the G1 news portal. The journalistic article appears, at first sight, to be a "simple" report that reports the expulsion of families for drug trafficking, however, there is the production of a discursive structure that is "a synthesis of several things" of an ideological formation. The production of discourse strengthens the criminalization of poverty by sustaining that the expression of the social issue reported is a case of police, at the same time operating a textuality (verbal and visual) that establishes discursive relationships that only argue for police intervention as a solution. Criticism of the projection rules that establish the relationships between the situations and positions of the subjects denounce a society based on the exploitation of man by man that mystifies social relations.

[1] Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Doutorando em Serviço Social. E-mail: joaovitorbitencourt2016@gmail.com

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professora do Departamento de Serviço Social e do Programa de Pós-graduação em Serviço Social da PUC Rio. E-mail: arianepaiva77@hotmail.com

Keywords: Discourse Analysis. Internal and Forced Displacement. Human rights. Criminalization of Poverty.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo realizar uma análise discursiva da reportagem *Moradores de comunidade na Zona Norte do Rio são expulsos de suas casas por traficantes*, do G1 portal de notícias (2020, *online*). A reportagem trata de casos de expulsões de famílias de suas residências e comunidades, em função da guerra pelo controle do tráfico de drogas. Nesse artigo se considera esse caso como uma situação de *deslocamento interno e forçado*[3]. A aproximação com a questão elencada advém das pesquisas realizadas pelo Grupo Estado, Sociedade, Políticas e Direitos Sociais (GESPD), do Departamento de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUCRIO). Trata-se de um fenômeno multidimensional que ocorre por diversas razões (em decorrência de conflitos armados, perseguições étnicas, pobreza e desigualdade, desastres ambientais, entre outros).

Os sujeitos em deslocamento interno são *pessoas deslocadas dentro de seus próprios países*[4]. Conforme o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), diferentemente dos refugiados, estes sujeitos não atravessaram uma fronteira internacional para buscar proteção. Mesmo tendo sido forçados a deixar seus lares por razões similares às dos refugiados (perseguições, conflitos armados,

[3] Segundo, levando em consideração os Princípios Orientadores para os Deslocados Internos, onde seriam: Pessoas, ou grupos de pessoas, forçadas ou obrigadas a fugir ou abandonar suas casas ou seus locais de residência habituais, particularmente em consequência de, ou com vistas a evitar os efeitos dos conflitos armados, situações de violência generalizada, violações de direitos humanos ou calamidades humanas ou naturais, e que não tenham atravessado uma fronteira internacionalmente reconhecida de um Estado (ONU, 1998, grifo nosso).

[4] Ao observar esse fenômeno, no que se refere ao cenário de migrações forçadas, o UNHCR-ACNUR, em relatório atualizado (Global Trends: forced displacement in 2018), ressalta a magnitude em torno da população de pessoas deslocadas à força, e mostra também dados sobre deslocamentos internos recentes: the world now has a population of 70.8 million forcibly displaced people Over the past decade, the global population of forcibly displaced people grew substantially from 43.3 million in 2009 to 70.8 million in 2018, reaching a record high (UNHCR, 2018).

violência generalizada, entre outros), os deslocados internos permanecem legalmente sob *"proteção"* de seu próprio Estado (ACNUR, 2016).

A situação de deslocamento interno é aquela onde tem-se grupos que "se veem obrigados a fugir de maneira súbita e imprevista em consequência de conflitos armados, tensões internas e violações massivas dos direitos humanos" (LAVOYVER, 1995, p.23-25), no entanto não ultrapassam uma fronteira internacional, portanto não deixaram seus países (continuam na mesma cidade e/ou Estado da Federação Nacional). Entende-se que a situação que apreende o discurso jornalístico em questão, objeto de análise deste artigo, não se trata de um acontecimento isolado, mas de uma problemática maior, carregada de histórias, portanto é produto complexo das relações sociais no capitalismo contemporâneo.

Analisar essa reportagem levando em conta as condições de produção do discurso, as posições de sujeitos, os efeitos de sentidos, entre outros aspectos referentes ao funcionamento do discurso, é ir de encontro aos elementos da Análise do Discurso introduzida por Michel Pêcheux que se aproximam do marxismo, que ao anunciar uma teoria materialista do discurso, deixa claro que interessa fortalecer teórica e politicamente a luta pela/transformação da sociedade movida pela luta de classes, pelas relações de produção (AMARAL, 2015, p.10).

2. PRINCÍPIOS TEÓRICOS DA ANÁLISE DO DISCURSO E O EXERCÍCIO ANÁLITICO:

A Análise do Discurso (AD) surge para dar conta de uma materialidade real que é complexa, tendo em vista tudo aquilo que nos constitui (história, linguagem, ideologia, entre outros). É possível constatar a existência de diferentes correntes de Análise de Discurso, e neste estudo pauta-se pela opção da AD de linha francesa, que surge com Michel Pêcheux, em que para ele a ideologia é a matriz do sentido, pois as palavras, expressões, proposições mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu

sentido em referência a essas posições, isto é, em relação às formações ideológicas. (PÊCHEUX, 1995, p. 160)[5].

Para deixar essa questão mais clara, pode-se partir de um breve comparativo com a Análise de Conteúdo[6] (AC). Conhecida de forma notável no âmbito da produção de pesquisas qualitativas, a AC consiste em uma técnica metodológica que trabalha com a enumeração de conteúdo (terminologias, palavras), onde se propõe uma análise feita através da presença (ou ausência) e/ou frequência, seguida posteriormente por codificação dessas terminologias/palavras, e enfim a sua categorização.

Esse processo se baseia em critérios semânticos, sintáticos, entre outros, o que dependerá das posições, organizações e opções dos sujeitos que utilizam a AC. É uma técnica de pesquisa que trabalha com a palavra, onde o texto é um meio de expressão do sujeito, que busca categorizar as unidades de texto (palavras ou frases) que se repetem, inferindo uma expressão que as representem. Costuma ser feita através do método de dedução frequência ou análise por categorias temáticas (CAREGNATO; MUTTI, 2006, p.682-83). Percebe-se que a AC dá vida às palavras presentes em um determinado produto (transcrição de entrevista, texto jornalístico etc.). Há um forte comprometimento em avaliar, encontrar, em meio a um processo em que se centra a importância no sujeito e no material que por ele foi produzido/escrito.

Em oposição a AC, que emerge na década de 1940, tem-se a AD, surgida cerca de duas décadas após. Entende-se que a Análise do Discurso se pauta no tripé *língua, sujeito, história e sociedade (ideologia)*. A AD não possui um compromisso com a tipologia documental, conforme visto na AC (quando se pensa no trabalho árduo à

[5] Um dos fundadores dos estudos sobre o discurso foi Michel Pêcheux, estabelecendo a relação existente no discurso entre língua/sujeito/história ou língua/ideologia; portanto, quem segue este princípio pode afirmar uma filiação com a AD da linha francesa (CAREGNATO; MUTTI, 2006, p.680-81).

[6] A Análise de Conteúdo (AC) trata-se de "um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens" (BARDIN, 1977, p.42).

palavra e os termos, as unidades de texto, deduções frequentes etc.). Na AD há o compromisso com a discursividade que atravessada pelas *condições materiais de produção dos sujeitos* e concomitantemente dos seus produtos (escritas, textos, entre outros). Não existe apenas uma linha de Análise de Discurso, mas muitos estilos diferentes. Não é uma metodologia, é uma disciplina de interpretação fundada pela intersecção de epistemologias distintas: da linguística deslocou-se a noção de fala para discurso; do materialismo histórico emergiu a teoria da ideologia; e da psicanálise veio a noção de inconsciente que a AD trabalha com o de-centramento do sujeito. A AD trabalha com o sentido e não com o conteúdo do texto, um sentido que não é traduzido, mas produzido (CARAGNATO; MUTTI, 2006, p.680-81).

Esse artigo faz um breve exercício analítico acerca das *condições de produção do discurso* no que se refere à reportagem em questão. Se escolhe essa reportagem levando em consideração que é uma matéria jornalística publicada pelo G1, um portal de notícias mantido pelo Grupo Globo e sob orientação da Central Globo de Jornalismo, que historicamente detém o monopólio de mídias, como a televisão, rádio, e ainda grande importância e influência no campo da mídia digital e de Internet (o que será analisado com maior amplitude no próximo capítulo deste artigo). Ou seja, trata-se do veículo de comunicação que “domina”, na história do país, com maior força a estrutura discursiva que orienta as práticas sociais de cunho econômico, político e ideológico no âmbito da comunicação de “massas”[7].

Para além disso, a importância dessa reportagem se expressa no fato que ela se constitui por múltiplas determinações - os elementos de câmera, vídeo, imagens, depoimentos, entre outros, mobilizam uma memória discursiva de intenso alcance social. Em especial, a colaboração entre repórter e fotógrafo (e neste caso com outros elementos) torna ponto forte a narrativa jornalística que não é mais subordinada somente ao texto, mas integrada. Trata-se de um espaço jornalístico para o repórter

[7] A partir de Thompson (2002) pode-se resgatar que comunicação de massa como é o meio mais importante para a operação da ideologia nas sociedades modernas, no que tange o seu conceito de ideologia como mobilização de sentidos a serviço da classe dominante (Thompson, 2002, p. 31).

e o fotógrafo mais autônomo em relação à literatura e à opinião política (VIDAL; SOUZA, 2010, p.109-110).

3 O QUE ESTÁ POR TRÁS DO ACONTECIMENTO NOTICIADO? A ANÁLISE DISCURSIVA DA REPORTAGEM

Acerca das *condições de produção do discurso*, vale ressaltar sobre a Análise de Discurso de linha francesa, dentro da proposta do filósofo e pesquisador Michel Pêcheux, que ao pensar sobre as condições de produção de discurso entende-se que a sintática e/ou a semântica não explicam as relações históricas e sociais das quais foram produzidas, portanto deve-se voltar não ao conteúdo, mas ao discurso como efeito ideológico das relações sociais de produção. Deixa-se de atribuir ao sujeito a produção de suas falas e escritas, ou seja, não se analisa a reportagem em questão a partir do prisma de uma análise textual.

O Jornal da Globo G1 Online é tido como um dos maiores portais de notícias brasileiro, que disponibiliza conteúdo jornalístico com reportagens em diversas áreas (educação, esporte, lazer, cultura, violência, política, entre outras) em diferentes formatos de texto, fotos, áudio e vídeo. À primeira vista há a explicitação de conteúdos que deixam pressupostos e/ou subentendidos a respeito dos assuntos tratados, mas essa reportagem é uma oportunidade de refletir acerca da inscrição do sujeito num espaço socioideológico em meio a materialidade de um discurso.

Essa “simples” reportagem insere-se no interior complexo das mídias, que atuam atingindo as massas. Por meio de propaganda e de noticiários em geral, veicula-se necessidades como sendo autênticas. A sua formação é pensada previamente pela indústria cultural para atender os interesses do grupo dominante. A mídia impõe uma cultura de massa que determina os valores de um comportamento a serem seguidos, bloqueando a criatividade do ser humano, que passa a aceitar passivamente o que é imposto pelo poder. Com a indústria cultural o sujeito é visto como uma espécie de objeto manipulado (NASCIMENTO, 2018, p.65-66).

Cada acontecimento noticiado no Jornal G1 Online se desenrola com base em construções históricas e ideológicas que conduzem os sujeitos que produzem, e concomitantemente seus interlocutores. Essa reportagem contém diferentes mecanismos que formam a sua estrutura (depoimentos, interpretações dos repórteres, entrevistas e vídeo) e que salientam a questão da expulsão de moradores (as), por traficantes, de suas residências na favela Cinco Bocas e Pica-pau, nos bairros Brás de Pina e Cordovil na zona norte do Rio de Janeiro.

Ao entrar em contato com a reportagem e com esses diferentes mecanismos uma questão se sobressai: *a criminalização da pobreza* que *é fortalecida com o enquadramento da câmera por meio do zoom*, *mecanismo que se articula sob múltiplas determinações na relação com imagens, narrativas e depoimentos.* A filmagem materializa-se como o ato de filmar e/ou o registro das imagens, no entanto, quando percebidos mediante os arranjos que produzem efeitos de sentidos, entende-se que carregam múltiplas determinações de uma formação ideológica.

A análise começa, contudo, pela fala de uma repórter ao iniciar o telejornal RJ2, segundo ela: *bandidos que controlam favelas no subúrbio do Rio estão expulsando moradores e revendendo as casas. São traficantes que tentam criar uma espécie de fortaleza do crime. Os domínios, antes restritos às comunidades, já se expandiram para importantes vias da cidade* (00:12). É uma frase exclamativa que introduz a reportagem que será apresentada no vídeo, e com ela já se percebe que há a produção da criminalização da pobreza - nesse caso ao apresentar a situação a partir da problemática que *os domínios* se expandiram para *importantes* vias da cidade.

Esse adjetivo indefinido no plural (*importantes*) ressoa o seu significado (*aquilo que é essencial e/ou interessa mais*) quando se refere às *importantes vias da cidade*. O adjetivo *importante* se afasta do substantivo *comunidades* (onde antes se estabeleciam restritos os domínios dos bandidos). À grosso modo, em um sentido popular, reflete-se que até então, os domínios dos bandidos eram restritos às comunidades e agora expandiram-se para locais que são importantes (que têm mérito e interessam), por isso a situação emerge como uma questão. O que se percebe é que se inicia a reportagem marcando como *oposto* de importante a partir do que está

implícito: o domínio dos bandidos, quando restrito àquela comunidade, expressava-se sob um local que tem um significado contrário ao local que é *importante*.

O início da reportagem, expresso em vídeo, já parte de um quadro institucional que se revela definido pelas condições de produção do discurso como ideologia dominante - a mediação estabelecida é que a favela não "soa" como importante, mas sim as *vias* (autoestrada, rodovia etc.). É importante lembrar que *a via* não tem somente um sentido atribuído ao seu significado do dicionário *(caminho que parte de um ponto conduzindo a outro ponto*), mas trata-se de um sintoma que é representação dos avanços do capitalismo moderno no tocante a mobilidade de circulação e transporte de mercadoria e valorização do trabalho. No entanto, é importante analisar o discurso além do contexto do domínio das palavras (em seus sentidos morfológicos).

Chega-se a um dos elementos que evidencia a questão central levantada por essa análise: *a criminalização da pobreza que é fortalecida com o enquadramento da câmera por meio do zoom, mecanismo que se articula sob múltiplas determinações na relação com as imagens, narrativas e depoimentos*.

Imagem 1 – Cena 1

Fonte: G1 (2020)

Cena 1 (00:26 seg.) Cena 2 (00:29 seg.)

"favela Cinco Bocas, em Brás de Pina" (Cena 1, fala do repórter)

"*no chão, as barreiras, que impedem a passagem da polícia"* (Cena 2, fala do repórter)

Os fotogramas e excertos acima narram, de forma literal, o conteúdo expresso na reportagem, logo em seu início - a imagem e a fala do repórter em cada cena. Após uma introdução jornalística acerca da situação que será noticiada, como visto anteriormente, que logo de início caracteriza a favela como um território "não importante", segue-se a linha discursiva que reforça estigmas e estereótipos sobre a favela Cinco Bocas e concomitantemente aos sujeitos que ali residem.

É primordial partir do pressuposto que os sentidos de palavras (na relação com as imagens, o zoom da câmera, entre outros elementos) estão imbricadas em um jogo de disputa ideológica. Neste caso, trata-se de uma *"*síntese de várias coisas" que garantem o sentido do *zoom da câmera junto às imagens em movimento* - como um processo sintático que traz à tona a problemática. No Brasil, conforme ressalta Raquel dos Santos (2019, p.5), a questão da punição "está direcionada às classes destituídas do usufruto da riqueza socialmente produzida, e o encarceramento passa a atender a lógica burguesa como mecanismo de coerção e controle estatal".

Esse processo caracteriza a formação discursiva que se está analisando, que materializa essa forma de criminalização. A produção de uma estrutura discursiva envolve-se por meio da formação ideológica, em torno de um discurso que fortalece a criminalização da pobreza ao sustentar que essa expressão da questão social é caso de polícia. A pobreza, por muito tempo, tem sido criminalizada pelas forças dominantes, foi na Idade Moderna que a pena privativa de liberdade delineou seus contornos mais firmes, como resposta ao anseio da classe econômica que se consolidava politicamente, situação intrinsecamente ligada ao surgimento do capitalismo (GALVÃO; MARTINS, 2013, p.42-48).

Logo após o repórter citar qual o local que será demonstrado (cena 1) há o enquadramento por zoom naquele território (cena 2). A princípio, entre as cenas 1 e 2, tem-se o *zoom* propriamente dito, "como variação da distância focal, seja aproximando-se ou afastando-se daquilo que é filmado" (ALVES, 2013, p.84). No entanto, entre esse curto trajeto, o enfoque que se dá primeiramente, a partir da fala de destaque, é *"as barreiras, que impedem a passagem da polícia"*. Levando em

conta, como frisam Silva e Braighi (2013, p.184), que cada enquadramento da câmera "revela e esconde uma determinada face do cenário que, limitada pelo zoom, compõe o que é dito pelo apresentador, revelando uma determinada intencionalidade". Deve-se estar atento a esse movimento que, inicialmente, relaciona o território à polícia.

Soma-se às seguintes questões: um território "não importante" e que remete, antes de tudo, a chegada da polícia. Esses dois elementos dão sustentação à problemática que é a criminalização da pobreza. Atualmente, esse fenômeno é amplamente discutido no ambiente acadêmico, contudo a partir da teoria crítica em torno do Direito e do sistema jurídico penal. Besser et. al. (2016), no artigo online intitulado *Entendendo a Violência do Rio: a Criminalização da Pobreza*, resumem de forma sintetizada e compreensível esse fenômeno no cenário atual brasileiro:

> A criminalização da pobreza é um fenômeno global de maus-tratos e preconceito enfrentado por membros mais pobres da sociedade devido a suas circunstâncias econômicas, muitas vezes influenciado por e perpetuando o racismo, e outras formas de discriminação[...] O terror e a aversão no discurso justificam políticas nas quais as pessoas pobres precisam ser reassentadas, policiadas e controladas ou até eliminadas[...] os moradores das favelas ganharam uma reputação de serem violentos e perigosos, ao invés de vítimas da significativa negligência histórica do estado. A política do governo de "guerra às drogas" foi moldada por esses preconceitos, que há décadas sustentam uma realidade na qual a principal presença do estado nas favelas foi através da Polícia Militar.

Pode-se relacionar, com a explanação acima, a análise realizada até aqui. A reportagem que, na "aparência" remete a uma denúncia sobre a expulsão de moradores da comunidade pelo tráfico de drogas, forma-se por meio de uma textualidade (verbal e visual) que compõem um discurso ideológico. O que se apresenta como uma denúncia da situação (pela reportagem) projeta, ao mesmo tempo, uma posição que é significativa sobre o território - um local que é recebido usualmente pela polícia - ao mesmo tempo denuncia as barreiras, na crítica àquilo que impossibilita a presença policial. Pode-se dizer que essa "dupla" de elementos (um território "não importante" e que remete, antes de tudo, a intervenção policial) faz supor imediatamente o lugar daquele território no contexto social: um local "policiado".

Tudo isso faz parte de uma *projeção* que é constituída por regras que colocam aquilo que é objeto (nesse caso o território e seus sujeitos) em um processo de relação entre *situações* e *posições*, onde é possível o leitor da reportagem antecipar à situação - "trata-se de um território criminalizado, ora, deve-se ter atenção policiada". São regras de projeção que estabelecem as relações entre as situações e as posições. Ou seja, fala-se do que é possível o sujeito antecipar a partir das determinações que o constituem e que definem sua posição no discurso (LAGAZZI, 2014, p.159).

Imagem 2 – Cena 2

Fonte: G1 (2020)

Cena 3 (02:33 seg.) Cena 2 (02:40 seg.)

"As vítimas se sentem desprotegidas, invisíveis ao Poder Público" (Cena 3, fala do repórter)

"*Infelizmente nós passamos por vários governos que são ineficazes e ineficientes no combate à criminalidade"* (Depoimento de morador logo após as cenas 3 e 4)

O desenrolar da reportagem é constituído por um misto de narrativas dos repórteres, imagens e depoimentos. Chama atenção que, logo após noticiarem que moradores estão sendo expulsos por uma nova facção que tomou os pontos de drogas da região, se passam imagens de incursões policiais da cidade do Rio de Janeiro (operações, apreensões de drogas etc.) e se opta por trazer o depoimento anônimo de um morador da região que ressalta que *"infelizmente nós passamos por vários governos que são ineficazes e ineficientes no combate à criminalidade"*.

Trata-se de um combinado de elementos que reforça como única alternativa possível para a problemática a ação policial. Transparece, para quem assiste e escuta a reportagem, que essa expressão da questão social (materializada no problema das famílias) é exclusivamente “caso de polícia”. Ou seja, o tema da violência nesse contexto é, em tese, somente da segurança pública. Sustenta-se o clichê e o famoso e emblemático chavão, como denuncia Marilda Iamamoto (2008, p.163) que “a questão social é caso de polícia”, ao invés de ser “objeto de uma ação sistemática do Estado no atendimento às necessidades básicas” (ibidem, p. 163).

A questão da violência e a segurança pública no Brasil é intrínseca ao seu passado colonial e escravocrata, e o racismo é questão central para se entender a intervenção estatal em áreas de favela. As conclusões do debate “Racismo e Segurança Pública”, realizado pela Fundação FHC e pela Humanitas 360, que reuniu especialistas para discutir o problema racial na segurança pública, lembra que:

> No Brasil, a população negra morre mais de morte violenta e sofre mais violência policial do que os brancos e representa a maior parte da população carcerária. As políticas de segurança pública (mas não só elas) têm um viés discriminatório ligado à cor da pele e reforçam um racismo estrutural que vem desde os tempos da escravidão e nunca foi efetivamente combatido pelo Estado e pela sociedade brasileira (GIFE, 2020)

A violência policial e o estigma construído contra os moradores de favelas são questões emblemáticas. Desde que a polícia existe, policiais procuram fazer um “perfil” dos criminosos (o “criminal profile”) que é visto como uma maneira de alocar recursos de forma eficiente, e o perfil clássico é do criminoso jovem, do sexo masculino, de renda e escolaridade baixa, de periferia, não branco (KAHN, 2010).

4 À GUISA DE UMA BREVE REFLEXÃO DO EXERCÍCIO ANALÍTICO DA REPORTAGEM

Este artigo procurou realizar uma análise discursiva, a partir do exercício analítico, da reportagem *Moradores de comunidade na Zona Norte do Rio são expulsos de suas casas por traficantes*, do G1 portal de notícias. O Deslocamento Interno acontece em meio a violações massivas dos direitos humanos que fazem com que pessoas ou grupos sejam forçadas a abandonar suas casas, com vistas a evitar os efeitos dos conflitos armados. A matéria jornalística publicada pelo G1 aparenta, à primeira vista, se tratar de uma "simples" reportagem que noticia a expulsão de famílias das favelas 5 Bocas e Pica-pau pelo tráfico de drogas.

No entanto, percebe-se que há a formação de uma estrutura discursiva, expressa por câmera, vídeo, imagens, depoimentos, disponibilizada pelo site G1. Há intenso alcance social das massas - determinando valores e modelos de um comportamento a serem seguidos. Evidencia-se que as condições de produção do discurso, percebidas à luz da Análise do Discurso, denunciam um" produto" que é "síntese de várias coisas" de uma formação ideológica. Se parte da AD e aproxima-se de um sentido que não é traduzido, mas produzido. O que se percebe, ao analisar além do contexto do domínio das palavras no quesito morfológico, é que se inicia a reportagem "marcando" a comunidade como *oposto* de importante, revelando de início as condições de produção do discurso. A *criminalização da pobreza é fortalecida com o enquadramento da câmera por meio do zoom*, *mecanismo que se articula sob múltiplas determinações na relação com as imagens, narrativas e depoimentos.*

Ao voltar-se atenção ao vídeo, percebe-se que as imagens e o enquadramento da câmera escondem uma determinada intencionalidade que é sustentada por uma formação discursiva ideológica: a "questão social é caso de polícia", ao invés de ser objeto de uma ação sistemática do Estado no atendimento às necessidades básicas. Se remete, antes de tudo, à chegada da polícia. A reportagem que, na "aparência" é uma denúncia sobre a expulsão de moradores da comunidade pelo tráfico de drogas, forma-se por meio de uma textualidade (verbal e visual) que compõem um discurso ideológico. Nos termos de Lagazzi (2014), são regras de projeção que estabelecem as relações entre as situações e as posições. Trata-se de um combinado de elementos que reforça como única alternativa possível para a problemática em questão (no

tocante ao que está previsto na reportagem) a ação policial. A sociedade burguesa é, sem dúvidas, baseada numa forma de exploração do homem pelo homem que mistifica as relações sociais (MARX, ENGELS, 2009, p.9).

REFERÊNCIAS

ACNUR. Agência da ONU para refugiados. Brasil. Deslocados Internos. 2016. Link: https://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/deslocados-internos/#:~:text=Mesmo%20tendo%20sido%20for%C3%A7adas%20a,seja%20a%20causa%20de%20sua

ALVES, Carolina Assunção e. Retórica da imagem em movimento: uma abordagem possível? (Coor. MENDES, Emília) (Org. MACHADO, Ida Lúcia. LIMA Helcira. DIAS-LYSARDO, Dylia). Imagem e discurso. Fale/UFMG. BH. 2013 www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/profs/emilia/Imagem%20e%20discurso.pdf

AMARAL, Maria Virgínia Borges. O marxismo da análise do discurso: a teoria materialista/revolucionária de Michel Pêcheux. VIII Colóquio Internacional Marx Engels - CEMARX GT3 – 1ª opção – Marxismos. 2005. Link: https://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2015/trabalhos2015/Maria%20Virginioa%20Borges%20Amaral.pdf

BRAIGHI, Antônio Augusto; RESENDE, Patrícia. A reverberação do acontecimento. In Texto (UFRGS. Online), v. 29, p. 216-221, 2013.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino. MUTTI, Regina. Pesquisa Qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2006. Link: https://www.scielo.br/j/tce/a/9VBbHT3qxByvFCtbZDZHgNP/?format=pdf&lang=pt

GALVÃO, Giovana. MARTINS, Tallita de Carvalho. Criminalização da pobreza: o produto de uma violência estrutural. Revista Transgressões, v. 1, n. 2, p. 42-65, 27 jan. 2015.

GIFE. Racismo e Segurança Pública: raízes do problema e soluções. Fundação FHC. 21/09/2020. Link: https://gife.org.br/racismo-e-seguranca-publica-raizes-do-problema-e-solucoes/

LAGAZZI, Suzy. Quando os espaços se fecham para o equívoco. Revista Rua | Campinas | Edição Especial –20 anos| 2014. Link: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638264/5895

LAVOYER, Jean-Philippe (Ed.), Internally Displaced Persons, Relatório do Simpósio, Genebra, 23-25, outubro 1995, Nota 3 em 16. Link: www.dhnet.org.br/dados/manuais/dh/mundo/rover/c14.htm

NASCIMENTO, Ermínio de Sousa. A crítica da racionalidade técnico-científica e a formação do sujeito autônomo em Adorno no contexto da sociedade capitalista. Tese. UFC. Fortaleza. 2018. Link: repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/34468/1/2018_tese_esnascimento.pdf

MARX, Karl; Engles, Friedrich. A ideologia Alemã. Expressão popular. São Paulo, 2009.

ONU. Princípios Orientadores relativos aos Deslocados Internos. 1998. Link: https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BD_Legal/Documentos_da_ONU/Principios_orientadores_relativos_aos_deslocados_internos_1998.pdf

PÊCHEUX, M. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni P. Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1995 [1975]

RIANELLI, Erick. LEITÃO, Leslie. Moradores de comunidade na Zona Norte do Rio são expulsos de suas casas por traficantes. G1 Portal de notícias. 12/08/2020. Link: https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/08/12/moradores-de-comunidade-na-zona-norte-do-rio-sao-expulsos-de-suas-casas-por-traficantes.ghtml

SANTOS, Raquel dos. A criminalização da pobreza no sistema capitalista: uma reflexão sobre o sistema prisional brasileiro. IX Jornada Internacional de Políticas Públicas. UFMA. 2019.

THOMPSON, Edward. Os Românticos. A Inglaterra na era revolucionária. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

UNHCR. Agência da ONU para refugiados. Media – Global Trends 2015/2016. All materials strictly embargoed until 05:00 GMT on 20 June 2016. Link: https://www.unhcr.org/5748413a2d9#_ga=2.240893952.228916137.1593799979-1169556563.1591801171

VIDAL E SOUZA, Candice. Repórteres e reportagens no jornalismo brasileiro. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2010.

IAMAMOTO, Marilda V. Mundialização do capital, “questão social” e serviço social no Brasil. Revista em pauta, n. 21, 2008.

AMARAL. Maria Virgínia Borges. Grad - grupo de estudo em análise do discurso. IV Colóquio Internacional de Análise do Discurso. São Carlos. Setembro de 2015. Link: www.ciad.ufscar.br/wp-content/uploads/2015/07/G9-GrAD.pdf